



XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

**SUBJETIVIDADES NEGRAS: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO E RAÇA NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Égina Costa Araujo¹; Diego Arthur Lima Pinheiro²

1. Bolsista – PROBIC/UEFS, Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
eginaaraujo1@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
dalpinheiro@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividades negras; Racismo; Psicologia.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de Iniciação Científica procurou investigar a construção das subjetividades negras atravessadas pelas engrenagens coloniais de gênero e raça no atual contexto brasileiro, recorrendo a obras de escritores e escritoras com produções pautadas nas perspectivas afrodiáspóricas e decoloniais, com destaque para as contribuições da escritora Conceição Evaristo. Com o pós-abolição e a intensificação da marginalização dos negros no Brasil, os piores índices relacionados à moradia, educação, renda e outros marcadores sociais são liderados ainda hoje pela população negra. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), esse grupo representa maioria populacional em comparação às pessoas brancas e assume maior necessidade de políticas públicas. Nesse contexto, é relevante colocar as experiências das pessoas negras no centro da análise, pois são as mais atingidas pelas desigualdades estruturais que interseccionam raça e gênero. Assim, este problema de pesquisa se apresenta como relevante a partir da escritora mencionada anteriormente, uma vez que sua escrita permite refletir sobre os impactos do colonialismo na produção das subjetividades negras.

Da mesma forma, para seguimento da pesquisa foram analisados os objetivos específicos, investigar os modos de subjetivação das pessoas negras frente ao racismo no Brasil contemporâneo a partir dos trabalhos de Conceição Evaristo; compreender os impactos do racismo nas subjetividades negras a partir de uma leitura decolonial e afrodiáspórica; pensar como raça, gênero e outros marcadores se interseccionam com o racismo na construção das subjetividades negras; analisar as novas narrativas construídas por pessoas negras como ferramentas importantes no processo de descolonização das subjetividades; compreender os impactos do racismo na saúde mental da população negra no Brasil como papel importante para a construção de uma psicologia antirracista. Assim, esta pesquisa teve como ponto de análise o livro Olhos d'água (2016) da escritora Conceição Evaristo.

Maria da Conceição Evaristo é professora, inventora da categoria literária escrevivência e escritora negra nascida em Minas Gerais. Nos últimos anos vem se

destacando no campo da literatura negra no Brasil (De Melo; De Godoy, 2016) ao retratar o racismo, as questões de classe e de gênero em seus escritos. E a partir de seus personagens, Evaristo realça dilemas sociais e subjetivos envolvidos na experiência negra. Nesse sentido, a escritora foca no cotidiano da população negra atravessada pela violência racial e escancara o campo social do Brasil, afirmando ser possível construir caminhos que possibilitem “enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução” (Evaristo, 2016, p. 114).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Essa pesquisa foi feita através do método de revisão bibliográfica, acerca da construção das subjetividades negras frente aos atravessamentos de raça e gênero. Para alcançar os objetivos do presente estudo, foram selecionados livros de leituras, como Olhos d’água, da autora Conceição Evaristo, como referência principal. Junto a essa obra, outras referências complementares oportunizaram o aprofundamento no tema proposto.

Assim, foi realizada uma leitura exploratória e seletiva, para avaliar se o material selecionado na busca das fontes contribui para a pesquisa. Subsequente a essa etapa, foi feita a leitura analítica e interpretativa visando relacionar as ideias encontradas nos textos com as investigações desta pesquisa (Gil, 2002). Após essas etapas, foram realizadas as avaliações e debates com o intuito de criar o Relatório Técnico Final.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Não é possível pensar nos denominados processos de subjetivação sem olhar atentamente para a força com que a colonialidade atravessa as realidades racializadas. Longe de ser apenas uma palavra, a colonialidade é também uma prática que dita as relações sociais, as performances de raça, gênero e sexualidade, as arquiteturas das cidades, as linguagens, forjando, assim, subjetividades. Tal prática, portanto, representa uma forma de catástrofe metafísica (Maldonado-Torres, 2020, p. 36), a qual respiramos ainda na contemporaneidade. E dizer que a lógica colonial segue existindo mesmo depois do fim das colônias formais protegidas por leis é afirmar que ela permanece atuante no modo de funcionamento das sociedades e das subjetividades.

Nesse contexto, a produção do superior só foi possível mediante um trabalho de fabulação (Mbembe, 2022, p. 31) ao construir classificações entre os humanos e imaginar terras diferentes das europeias. Esse processo teve como resultado a produção do inferior, destituído de sua agência, por meio da confluência de operadores racistas. Neste jogo, condenado ao lugar de sujeição, o negro se torna um completo avesso do branco, pois as características imputadas ao seu corpo dão base para tornar o processo de colonização possível, tendo na estratégia da humilhação, desvalorização e rebaixamento do africano uma de suas marcas mais profundas ao dar início aos horrores da escravidão.

Assim, com a nova ordem mundial, a ideia de raça será o instrumento mais eficaz de dominação (Quijano, 1999), a qual será materializada em corpos que não sejam os corpos brancos. Ou seja, nesse projeto, a raça deve se concretizar em uma imagem — a imagem do africano. Os europeus, ao intitular os não-brancos como negros, criaram um signo que acabou por marcar performances corporais e de ser e estar no mundo através de palavras que remetem à negação, ausência e violência. Fanon (2020, p. 126-127) chama essa experiência negra de epidérmico-racial, pois “no mundo branco, o homem de

cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal.” O colonialismo, portanto, como um sistema político, não se instaura na abstração, pois sendo ele um regime, necessita de uma política de subjetivação que o sustente.

Nesse sentido, “se existe uma subjetividade das relações coloniais, sua matriz simbólica e sua cena originária é certamente a raça” (Mbembe, 2022, p. 116). Isso significa que a constituição da nossa política de subjetivação é atravessada por uma política do desejo, ainda dominante na contemporaneidade, cujo processo formativo é indissociável da economia capitalista. Nesse cenário, a invenção da raça serviu como instrumento para autorizar o tráfico de pessoas na condição de cargas em porões de navios, levando em conta a cor de seus corpos para servirem como elemento produtor de riquezas para a Europa. Ou ainda, o racismo tem no corpo negro maneira indispensável para acionar o processo de extrativismo, tangenciando subjetividades a partir de categorias como raça, gênero e sexualidades.

Seguindo essa perspectiva, o racismo no Brasil tem uma dimensão cotidiana, para além dos aspectos estruturais e institucionais. Isso significa que o racismo se expressa de modo não pontual na vida de pessoas negras brasileiras. Dessa maneira, Kilomba (2019, p. 80) afirma que “o racismo cotidiano não é um ataque único ou um evento discreto, mas sim uma constelação de experiências de vida, uma exposição constante ao perigo, um padrão contínuo de abuso [...].” Essa repetição colonial também forma a sociedade brasileira, constituindo o que se chama de trauma colonial. Este trauma deve ser levado em conta nas discussões sobre o racismo à brasileira devido aos processos de adoecimento e desumanização que ele tenta inferir nas pessoas negras cotidianamente, trazendo à tona os efeitos do colonialismo que perturbam a organização psíquica individual, assim como coletiva.

Discutir sobre o trauma colonial como um fenômeno que se reatualiza e se reproduz insistentemente no cotidiano é falar do trauma enquanto uma ferida que mescla a história individual e coletiva. É também por esse sentido que o pesquisador Lucas Veiga (2019) comprehende que o impacto e a violência do racismo não se exercem somente nos corpos, mas também nas subjetividades. Segundo Veiga (2019, p. 244), “o sucesso da colonização se baseia na capacidade não apenas de colonizar territórios geográficos, mas na capacidade também de colonizar territórios existenciais.”

Em vista disso, a intersecção entre gênero, raça e outros marcadores se revela como uma via produtiva para se pensar as subjetividades e as resistências diante de opressões. Em Olhos d’água (2016), os contos anunciam o foco da escritora que se lança na população afro-brasileira, abordando sem rodeios, a pobreza e a violência, como em *Zaita esqueceu de guardar os brinquedos*: nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora (Evaristo, 2016, p. 76). Da mesma forma, em todos os outros contos, a temática do racismo é evidenciada nas desigualdades sociais, nas relações de gênero e nos modos de subjetivação apresentados.

A literatura de Conceição dá passagem para acessarmos personagens portadores de diferentes subjetividades, como Natalina, Duzu-Querença, Kimbá, Davenga, Di lixão. A escrita da autora busca diferentes e sutis formas de combater as representações estereotipadas e negativas sobre a população negra. Ainda, ao mesmo tempo, busca interromper os discursos hegemônicos e preconceituosos acerca dos negros. Nos contos, a interseccionalidade entre vários marcadores da diferença está sempre presente.

Conceição consegue estabelecer relação entre raça, gênero, classe social, sexualidade e outros, dando contornos singulares para cada personagem apresentado. Dessa maneira, a autora constrói personagens a partir de sentimentos que serão comunicados como consequências do contexto vivido e do modo como as subjetividades são construídas em meio aos desejos, sonhos, fracassos e a necessidade de sobrevivência. Tudo isso porque a escritora consegue desenvolver a reflexão acerca do contexto social e das relações raciais do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A escrita de Conceição Evaristo, em *Olhos d'água*, constituiu material fundamental para substanciar o presente estudo, na busca por compreender os modos de subjetivação das pessoas negras brasileiras frente as intersecções de raça e gênero. O processo colonial, ainda presente na contemporaneidade, criou estratégias para expropriar a pessoa negra de sua agência por meio de discursos que incutia no imaginário social o negro no lugar do inferior. Nesse processo embaraçoso da formação de uma subjetividade alvo de um quadro social que lhe atribui características subumanas, o racismo ganha uma dimensão cotidiana na vida da população negra e constitui o denominado trauma colonial.

REFERÊNCIAS

- DE MELO, Henrique Furtado; DE GODOY, Maria Carolina. Escrevivência e produção de subjetividades: reflexões em torno de “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo. *Signótica*, v. 28, n. 1, p. 23-42, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d’Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J. GROSFOGUEL, R. (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 27-53.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. 2^a edição. São Paulo: n-1 edições, 2022.
- QUIJANO, Anibal. ¡Qué tal raza! (Tema central). En: Ecuador Debate. *Etnicidades e identificaciones*, Quito: CAAP, (no. 48, diciembre 1999): pp. 141-152. ISSN: 1012-1498.
- VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, p. 244-248, 2019.